

A UNIVERSIDADE E A FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS (*).

Caros afilhados.

Distinguidos pela terceira vez em nossa carreira com o honroso encargo de paraninfar uma turma de Licenciados da nossa Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, não podeis avaliar o nosso júbilo por ter o convite partido dos nossos mais jovens colegas, como também por significar, após 30 anos de serviços públicos, um sinal de que a nossa vida não foi desperdiçada, pois a juventude dificilmente erra em seus juízos, mormente naqueles ditados pelo coração.

*

Mas o que dizer aos Licenciados que deixam agora os bancos escolares e que se diplomaram pelas mais diversas especialidades oferecidas pela nossa Faculdade? Que mensagem poderemos transmitir aos jovens que agora se lançam à luta pela vida? Que conselho dar em face da situação cruciante da Humanidade e dos destinos sombrios de nossa pátria?

Poderemos estar errados, mas julgamos útil darmos um balanço no que a Universidade representa para o nosso Brasil, pois acreditamos que dentro dela se forja o destino da nossa nacionalidade. A vossa geração terá a grande responsabilidade dessa decisão: ou faremos do Brasil uma grande nação ou mergulharemos no caos.

Fundada a nossa Universidade em 1934, portanto há quase 30 anos, período que na História da Humanidade é um instante, mas que para o Brasil foi um salto tremendo que a juventude de hoje não pode pesar convenientemente no seu

(*) — Oração de paraninfo da turma de 1962 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, proferida no Teatro Municipal de São Paulo, no dia 18 de abril de 1963 (Nota da Redação).

justo valor. Nós, porém, que então éramos jovem como o sois agora, vivemos intensamente êsse período, participando diretamente das Revoluções de 1930 e 1932, assim como da II Guerra Mundial (1). Em 1934 foi organizada a nossa Universidade, como dizíamos, com a reunião das Faculdades de Direito, Medicina, Farmácia e Odontologia, Escola Politécnica e a Escola Superior de Agricultura “Luís de Queirós”, e a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Medicina Veterinária e a Escola de Belas Artes — que aliás nunca foi instalada — completada posteriormente com a Faculdade de Higiene e Saúde Pública, Escola de Medicina de Ribeirão Prêto, Escola de Engenharia de São Carlos e últimamente com a Faculdade de Odontologia de Baurú.

Essa fundação faz parte do movimento com que se iniciou a mutação do Brasil depois de 1930, pois foi depois dêsse ano que nos preocupamos sèriamente com êsse problema, apesar de Curitiba ter em 1962 comemorado o Cinquentenário de sua Universidade. Também no período colonial e logo após a Independência foram ventiladas idéias de criação de Universidades entre nós, mas fracassaram, enquanto que na América Espanhola há séculos elas apareceram, vivem e se desenvolvem (2). Mas tôdas essas tentativas não podem ser consideradas como tendo sido verdadeiramente de idealização, de criação de uma Universidade, pois nelas não encontramos a idéia de pesquisa desinteressada, da cultura e do progresso técnico. Foram mais reuniões de Escolas dispersas do que verdadeiramente a formação dum conjunto harmônico. Em São Paulo foi a nossa Faculdade que serviu de elo a essa reunião dos Institutos Universitários já existentes. Foi um progresso, não resta a menor dúvida, mas mesmo a criação da nossa Faculdade não foi bem compreendida, sendo até mal recebida por alguns. Lutamos muito e ainda teremos muito que lutar para alcançarmos o nosso lugar ao sol. Lembramo-nos muito bem quando ousamos propor que o primeiro ano de tôdas as Faculdades fôsse feito na nossa Escola, optando os alunos pelas suas especialidades posteriormente, no 2.º ano de sua vida universitária. Fomos acusados de ambiciosos, pois nos disseram textualmente: “A Faculdade de Filosofia julga-se a cúpu-

(1). — Comandamos o Pelotão de Morteiros da Companhia de Petrechos Pesados do I Batalhão do 6.º Regimento de Infantaria (Regimento Ipiranga — Capapava).

(2). — No México fundou-se uma Universidade em 1553 com bula papal de 1551; Tuxillo teve a sua em 1538; Lima em 1555; Cuzco 1598 e Nova Granada em 1595.

la da Universidade e agora também quer ser a raiz...?” Essas declarações hoje seriam ridículas, verdadeiros bizantinismos, mas representavam a média das opiniões há penas 15 anos atrás.

Felizmente, hoje verificamos que essas idéias caminharam e que se antes pareciam audazes, estão sendo atualmente executadas em Brasília e em Fortaleza (2a). Pensamos que agora estamos maduros para iniciarmos verdadeiramente a fundação de uma Universidade com o sentido de soma e homogeneidade e não de mera reunião de diversos Institutos Universitários.

Na Universidade de São Paulo a evolução será mais difícil, porque a força da rotina impedirá desde logo a mudança. Mas nas Universidades novas, que agora se estão instalando, a idéia é bem aceita. E o exemplo disso temos na recente Universidade de Campinas e na Escola de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatú, e nos projetos apresentados à Assembléia Legislativa de criação das Universidades de Araraquara e da Alta Paulista.

Outra coisa que precisa ser dita é que São Paulo não pode mais centralizar o ensino superior em sua Capital. Somos já uma comunidade de mais de 14 milhões de habitantes, em franca expansão demográfica. Devemos pensar seriamente, após a instalação do Conselho Estadual de Educação, num levantamento geo-sócio-econômico das diversas regiões do Estado para a elaboração urgentíssima dum plano de expansão da rede de ensino superior, para disciplinar a criação caótica feita pelos nossos legisladores de mais de 100 escolas do nível universitário, para as quais não temos recursos orçamentários — e o que é mais grave — nem corpo docente habilitado. Nesse levantamento deverão preponderar dados relativos à expansão industrial de São Paulo e ao mercado de mão-de-obra especializada.

Tem havido e poderá ainda haver por muito tempo discussões sobre se essas Universidades regionais deverão ser centralizadas numa só cidade ou deverão espalhar-se por vasta zona geográfica para atender aos apetites eleitorais de certos chefes políticos. Batemo-nos e lutaremos de maneira intransigente pela reunião das Faculdades numa só cidade, pela concepção que temos de que Universidade é soma, com o agrupamento de cátedras afins em Departamentos e Institutos de pesquisas, com a possibilidade de eliminar-se as Faculdades — que

(2a). — Vide Milton da Silva Rodrigues, Parecer sobre o Projeto de Organização da Universidade de Brasília in “Revista de Pedagogia” vol. 7 no. 13.

se tiverem de existir devem ser meras entidades administrativas. Sabemos muito bem que na nossa Universidade de São Paulo será extremamente difícil chegarmos a êsse resultado, talvez seja mesmo impossível. Mas nas futuras Universidades regionais, que forçosamente serão mais modestas, isso deverá ser tentado. E' óbvio que para que tais centros universitários possam progredir será necessário que, concomitantemente com a criação dos Institutos Universitários, se pense no alojamento dos estudantes, de tal maneira que êstes possam estar permanentemente em contacto com a pesquisa, com os professôres e com as bibliotecas especializadas. Acreditamos e o dizemos, alto e bom som, que a Universidade não é e nem deve ser uma tôrre de marfim, exclusivamente voltada para estudos desinteressados mas que, pelo contrário, ao lado da pesquisa em ciência pura deve haver a formação de cientistas, técnicos dos mais diversos graus, pesquisadores das ciências exatas e das ciências humanas e principalmente professôres de ensino médio e superior.

*

A nossa e a vossa geração foram sacrificadas. A nossa pela improvisação, poderíamos dizer mesmo que as primeiras turmas da Faculdade foram semi-autodidatas, pois tiveram excelentes professôres estrangeiros, mas não possuíam nem mesmo o espírito e nem a aparelhagem para dêles tirar o máximo proveito. Hoje, ousamos dizer, temos a aparelhagem mas êsses professôres nos fazem falta, pois possuímos muitos poucos e alguns são insubstituíveis no momento, sendo certo que um especialista não se improvisa, como muito bem o sabeis. Devemos ter a coragem de dizer neste momento de feroz nacionalismo que temos muito ainda que aprender com êsses professôres oriundos de outras Universidades, muitas das quais seculares.

E o mais grave é que foi precisamente depois de 1930 — sem dúvida uma data importante na nossa História — que fundamos a nossa Universidade e justamente na época em que o Brasil iniciava verdadeiramente a sua Revolução Industrial. E' uma longa luta, em que estamos ainda no início, pois basta dizer que nos faltam milhares de técnicos. Onde buscá-los? Trazê-los de fora? Impossível, pois também êles fazem falta em seu países de origem.

Essa crise se agravou depois da II Guerra Mundial, quando aumentou extraordinariamente o número de estudantes universitários em todo o mundo. Isso não foi devido exclusivamen-

te ao aumento vegetativo da população, mas, acreditamos, à ânsia de progresso e ascensão de nível de vida que empolgou toda a Humanidade após a Grande Hecatombe. Até mesmo nós tivemos um arremedo disso, quando foram promulgadas leis favoráveis “aos pracinhas” que quisessem prosseguir com os seus estudos. Foi pena que tudo isso ficasse quase que exclusivamente no papel, pois não bastam leis, são precisos meios para que elas sejam cumpridas. Contrastando com esse descaso, nos lembramos de ter visto soldados norte-americanos na Itália, nas trincheiras ou em horas de folga, respondendo testes ou resolvendo problemas para, em seguida, devolvê-los pelo Correio às suas Escolas. Muitas Universidades norte-americanas, posteriormente, improvisaram verdadeiras cidades de “trailers” para os seus “G. I.” (“pracinhas”) (3). O mesmo aconteceu em diversas nações européias. Tudo isso não foi realizado apenas por sentimentalismo, para pagamento de uma dívida de gratidão. Não. Todos sentiam que a Humanidade tinha mudado depois dessa grande crise que foi a II Guerra Mundial.

Sentimos isso aqui também. Todos querem ser úteis, desempenhar um papel na vida, não ficar à espera do imprevisível. Mas para vencer hoje em dia é necessário ter uma profissão, ser técnico, ter uma especialidade. Já passou a época do homem capaz de tudo saber e de tudo fazer. Os nossos bons “doutores da roça” estão desaparecendo ante a especialização cada vez mais crescente. E nós se quisermos ter uma cultura, uma indústria desenvolvida, onde teremos de buscá-la? Evidentemente na Universidade.

Felizmente os novos Estatutos da Universidade abrem campos imensos com a possibilidade dada aos Institutos de ministrarem cursos de pós-graduação, propiciando assim a criação de um sem número de especialidades novas. Mas ao lado dessas especialidades de alto nível, os Estatutos permitem, também, mediante o sistema de “créditos”, a formação de profissionais em menos anos, especialmente em técnicas novas que estão surgindo com o progresso alcançado pelos nossos conhecimentos científicos. Assim, poderemos aproveitar melhor as nossas instalações da Cidade Universitária e obter melhor rendimento dos nossos professores, nacionais ou estrangeiros.

*

Agora, sem dúvida, deverá passar pela mente dos meus queridos afilhados a seguinte pergunta: qual o papel que cabe

(3). — G. I. Iniciais que passaram a designar os pracinhas americanos (General Inlested men).

ria à nossa Faculdade nesse complexo por nós delineado? Evidentemente a nossa Escola forma e continuará a formar especialistas em geologia, geografia, mineralogia, botânica, biologia, zoologia, química, física, sociologia, matemática, economia, estatística, paleografia, pesquisadores em história, filosofia, letras, mas sobretudo professôres do ensino médio, que ministram os conhecimentos básicos de tôdas as ciências e que forjam o caráter dos adolescentes. A nossa Faculdade tempera com o Humanismo as mais rebarbativas especialidades, porque sem êle os nossos técnicos seriam meros “robots” e “frankensteins” da ciência, porque o que importa sempre é o **Homem**.

*

Brasil, terra de contrastes. Contrastes geográficos, econômicos, sociais, como muito bem o disse o nosso querido mestre e amigo Roger Bastide (4). Que existe contrastes é para nós questão pacíficos. Mas, nós que estamos no Sul, sobretudo os paulistas — e por paulista entendemos todos os que aqui vivem e trabalham, não importando onde tenham nascido — possuímos melhores condições econômicas e por isso podemos dar uma ajuda aos nossos irmãos do Norte.

Em 1954, quando do XX aniversário da fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, foi dito pelo paraninfo da nossa primeira turma de Licenciados, Dr. Júlio de Mesquita Filho que São Paulo, que perdera a Revolução de 1932 no campo militar ia ganhá-la no campo cultural. Julgamos que êle tinha inteira razão e tudo devemos fazer para que a nossa Universidade seja a melhor do país. Urge que evidemos os nossos esforços pelo aperfeiçoamento do nosso ensino em todos os graus, mas não com exclusividade no campo da técnica, pois como já dissemos e insistimos, o que importa é o homem e não a máquina. Encaramos o problema com um sadio imperialismo, muito melhor que a feroz indiferença e separatismo que já fêz época. E' o pioneirismo paulista e não o “salteo” — se é que êle realmente existiu como apresamento do índio. Para isso deveis assumir conosco hoje o compromisso — aliás de acôrdo com o juramento que acabastes de proferir — de difundir por tôda a parte a cultura. Deveis tomar resolutamente essa decisão, e desculpem-nos se citamos a nossa própria experiência de combatente dos campos de batalha da Itália, onde tivemos a oportunidade de servir como comandante dum pelotão da 1a. Companhia de Petrechos Pesados do 6.º Regimento

(4). — Roger Bastide, *Brésil, terre des contrastes*. Hachette. 1957. 345 pp.

de Infantaria — o glorioso Regimento Ipiranga. Depois duma trincheira tomada ao duro e feroz inimigo, devíamos nos preparar para o contra-ataque que viria fatalmente alguns minutos depois. Assim, como os combatentes das trincheiras italianas de 1944-1945, deveis enfrentar com ânimo decisivo a luta que aí está: ou o Brasil torna-se uma grande nação — e tem possibilidades para isso — ou mergulhamos no caos. O futuro da nação está nas mãos da vossa geração, pois o papel da nossa já foi cumprido e deveis sempre lembrar-vos de que fostes formados por esta Casa e de que muito de vós ensinarão por êste Brasil afora e alguns virão ocupar os nossos lugares e a quem gostosamente entregaremos o facho da cultura que recebemos dos nossos mestres. Ide tranqüilos, pois estais preparados para a luta. Adeus ou até breve. Muito obrigado.

E. SIMÕES DE PAULA

Professor de História da Civilização Antiga e Medieval
da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Uni-
versidade de São Paulo